

LES FLEURS DU MAL ANTES DE AS FLORES DO MAL

Ricardo MEIRELLES (ANHANGUERA/FECAAF)¹

Resumo: Antes da primeira tradução completa de *Les Fleurs du mal*, de Baudelaire, poetas brasileiros escolheram poemas dele para traduzir e incluir em seu repertório. Dividimos, na virada do século, os cem anos que separam o lançamento do original (1857) e a primeira tradução brasileira completa (1958) e apresentamos dois exemplos: 1. os poemas são "aclimatados", incorporados pelos poetas aos seus livros e assumidos como de sua autoria; 2. aparecem em antologias e livros exclusivos, servindo como modelo de resistência às novidades estéticas "modernas"; esse amplo e intenso debate produziu um repertório crítico e literário composto de diversas correntes de interpretação de importância para a História da Literatura.


Palavras-chave: Baudelaire, poesia, tradução, aclimação, modernismo.

Antes da publicação da primeira tradução integral do livro de Charles Baudelaire, *Les fleurs du mal*, em 1958, por Jammil Almansur Haddad, vários e numerosos poetas e tradutores brasileiros escolheram um ou mais poemas desse livro para traduzir e incluir em seu repertório literário. Poderíamos então dividir em duas partes os cem anos que separam o lançamento do livro original em Paris, em 1857, e a publicação da primeira tradução completa, em 1958, no Brasil.

Primeiro, em minha dissertação, *Entre brumas e chuvas: tradução e influência literária* (2003), e depois, em minha tese, "*Les Fleurs du mal*" no Brasil: traduções (2010), discuti e considerei o papel da tradução poética dentro da História da Literatura Brasileira e a sua influência estética, observando especificamente e atentamente a recepção desses poemas; procurei questionar alguns métodos e teorias da tradução poética, observando principalmente autores brasileiros e comparando traduções de vários tradutores ao longo do tempo, sempre levando em conta aspectos lingüísticos, históricos e culturais que poderiam se depreender de cada texto.

Os poemas do livro escolhido – publicado primeiro em Paris, em 1857, sendo que ainda receberia mais duas importantes edições aumentadas: em 1861, pelo próprio poeta; e em 1868, em edição já póstuma – foram traduzidos por mais de sessenta poetas brasileiros – alguns traduzindo apenas um poema, outros, o livro todo – que contém cerca de cento e sessenta poemas, dependendo da edição – sendo a tradução brasileira de um poema, publicada em livro, mais antiga datada de 1872.

¹ Ricardo MEIRELLES é Doutor em Letras pela FFLCH-USP, e é professor no Centro Universitário Anhanguera e na FECAF-Faculdade Capital Federal, e prepara uma nova tradução *Les Fleurs du mal*, de Charles Baudelaire.



Um possível resultado dessa baudelaireana seria uma “História do livro *Les Fleurs du mal* no Brasil”, da qual trata especificamente este trabalho. Além do resgate historiográfico promovido, recuperando algumas importantes e significativas leituras da obra francesa, comparando suas traduções com outras produzidas ao longo do tempo, vislumbro não uma evolução, mas sim uma diferenciação entre as abordagens tradutórias, construídas sempre dentro de seu momento estético, histórico e ideológico, que está nelas refletido, inevitavelmente.


Essa diferenciação chama a atenção não só para novas possíveis leituras do clássico francês proporcionadas pelas traduções publicadas ao longo do tempo, mas também para novas perspectivas sobre os métodos e as teorias da tradução poética, privilegiando agora uma leitura historiográfica desse conjunto.

Baudelaire no Brasil: Traduções

Nos remetemos ao livro de Onédia Barbosa, *Byron no Brasil: traduções* (BARBOZA, 1974), no qual discute a recepção da poesia do bardo inglês a partir da coleção das suas diversas traduções brasileiras, servindo muitas vezes tanto de inspiração como de modelo para esse trabalho. Assim, foi possível observar alguns aspectos relevantes dentro da própria recepção da obra estrangeira, procurando interpretar as escolhas feitas pelos poetas brasileiros ora como crítica – verificando se e de que forma esses poetas se alinham, ou não, nominalmente aos princípios estéticos e literários do francês – ora como realização poética independente – tomando a tradução como a expressão de uma eleição estética particular, dotada de um efeito poético próprio.

Dessa forma, foi possível traçar um panorama dessa "baudelairiana brasileira" através do tempo, seguindo um percurso cronológico. Optei, então, em me deter em alguns pontos que considere mais representativos, analisando poemas e poetas que de algum modo me pareceram necessários e apropriados, buscando sempre verificar qual a relação intertextual que as traduções poderiam ter dentro da produção da literatura brasileira e a relação direta com a influência do modelo estrangeiro na sua produção original, visto que “através das traduções é possível determinar os sintomas principais de uma influência e indicar os rumos por ela tomados” (BARBOZA, 1974, p. 30).

Antes de mim, outros se preocuparam em verificar como e porque se deu a influência de tão importante obra ao longo da História da Literatura Brasileira,



discorrendo especificamente sobre suas traduções: em 1930 são impressos os primeiros estudos de Félix Pacheco, de quem falaremos mais adiante; e em 1963, outro crítico, também poeta e tradutor, Cassiano Tavares Bastos lança o seu Baudelaire no idioma vernáculo, livro no qual se preocupou em determinar e registrar, mais rigorosamente talvez, quem, quando e onde se deram traduções de *Les Fleurs du mal* no Brasil, além de incluir algumas de seu próprio punho.


Além disso, as edições integrais brasileiras de *Les Fleurs du mal* (primeiro, a de Jamil Almansur Haddad, publicada em 1958 (BAUDELAIRE, 1958), e depois, a de Ivan Junqueira, publicada em 1985 (BAUDELAIRE, 1985) são acompanhadas de longas e diversas notas, nas quais expõem extensa referência bibliográfica sobre as notícias de traduções, integrais ou parciais, além de introduções sobre a vida e a obra do poeta.

Ainda sobre a primeira recepção brasileira da obra de Baudelaire, vale a pena lembrar do livro de Glória Carneiro do Amaral, *Aclimatando Baudelaire* (AMARAL, 1996), que se detém com especial atenção nos "primeiros baudelaireanos", tratando não só de poesia e tradução, mas da profunda e importante influência do livro francês, influência que se estabeleceu e se transformou.

Ao contrário das iniciativas anteriores, este trabalho, determinado em não se limitar apenas ao endereçamento bibliográfico, procurou colecionar, de fato, todas as traduções, partindo da coleção pessoal, de professores, amigos e outros interessados nos poemas do livro francês, além de tomar como base todos os levantamentos conhecidos e relacionados até então, recolhendo o maior número possível de traduções, verificando in loco suas publicações e registrando em um banco de dados todas aquelas encontradas, compondo assim uma extensa e significativa baudelaireana.

É certo que ao longo da história nenhuma literatura nacional pôde escapar da influência das literaturas estrangeiras, quaisquer que elas fossem, e a literatura brasileira certamente não foge a essa regra. Não poderia ter ocorrido de outro modo, tão atenta como sempre foi à literatura européia, principalmente à francesa.

Já que essa influência sempre variou e varia ao longo do tempo, podendo ser percebida com maior ou menor intensidade, podemos dividir o espectro cronológico obtido a partir da reunião das traduções brasileiras de *Les Fleurs du mal* em partes, arbitrariamente, para facilitar seu manuseio e pesquisa. Essas partes não coincidem



necessariamente com a divisão em escolas literárias adotada de forma convencional, mas não chegam a ser uma nova proposta de divisão. Procuram, contudo, esclarecer alguns momentos fundamentais dentro das relações literárias brasileiras, visto que a recepção do livro francês se deu ao longo do tempo de forma oscilatória.

Os Primeiros Baudelaireanos

O primeiro período vai até o fim do século XIX: o poeta francês é aclimatado e seus poemas são, no mais das vezes, adaptados e parafrásados em nome da legitimação de uma filiação estética, no mínimo, discutível. Os poemas traduzidos eram incorporados pelos poetas tradutores aos seus próprios livros e quase que assumidos como de sua própria autoria, tratando mais de uma relação de aproximação ideológica do que da apresentação e divulgação de um autor estrangeiro.

As traduções mais antigas de Baudelaire conhecidas no Brasil datam de quinze anos após a publicação do livro na França. É o gaúcho Carlos Augusto Ferreira (1844-1913) que apresenta a tradução publicada de um poema de Baudelaire: “Modulações”, tradução de “Le Balcon”, encontrada no seu terceiro livro, Alcíones, publicado em 1872 (FERREIRA, 1872).

Desde o início podemos observar que o aspecto temático, na recepção da poesia de Baudelaire, fica marcado e transformado profundamente por um naturalismo realista, característico do período e praticado pelos poetas brasileiros, como indica Alfredo Bosi (BOSI, 1972, p. 245-246):

De Baudelaire assimilam os nossos poetas realistas, Carvalho Jr. e Teófilo Dias, precisamente os traços mais sensuais, desfigurando-os por uma leitura positivista que não responde ao universo estético e religioso das *Flôres do Mal*. O eros baudelaireano, macerado pelo remorso e pela sombra do pecado, está longe destas expansões carnavais, quando não carnívoras de Carvalho Jr.:

Como um bando voraz de lúbricas jumentas,
Instintos canibais refervem-me no peito
 (“Antropofagia”),

ou de Teófilo Dias,

... da prêsa, enfim, nos músculos cansados
cravam com avidéz os dentes afiados
 (“A Matilha”).

Baudelaire é assim aclimatado e a abordagem dita realista ainda será perseguida ao longo do tempo por vários outros poetas, não sendo assim desfigurado, mas absorvido como parte de uma escolha coerente ao próprio ideal estético da época,

deixando de lado fatalmente o universo estético religioso, que no mais seria abordado pelos simbolistas.

Na verdade pode-se entender que a principal identificação desses brasileiros, os primeiros baudelaireanos, com o livro francês foi, justamente, o do ideal da busca de sua própria essência: quem eram, perguntavam-se, nada melhor que um mestre francês para responder.

O próprio Machado de Assis, em seu estudo “A Nova Geração”, faria serias críticas a essa transformação do que realmente poderia ser encontrado no livro francês, considerando-a errônea:

Quanto a Baudelaire, não sei se diga que a imitação é mais intencional do que feliz. O tom dos imitadores é demasiado cru; e, aliás, não é outra a tradição de Baudelaire entre nós. Tradição errônea. Satânico, vá; mas realista o autor de D. Juan aux Enfers e da Tristesse de la Lune! (ASSIS, 1946, p. 198)


Esse período ainda seria marcado pela “Batalha do Parnaso”, pelas primeiras manifestações parnasianas, pelas poesias militantes, socialistas e científicas. Traduzir poemas de Les Fleurs du mal chegou aqui junto com as novidades da modernidade e sobreviveu a todas elas, mesmo as mais renitentes, como o próprio parnasianismo. Como disse o crítico Wilson Martins:

Imitai Baudelaire – era, com efeito, a nova palavra de ordem para a criação de uma poesia realista (e não simbolista, apesar das conotações que mais tarde se estabeleceram), poesia de temática surpreendente, menos preocupada, aliás, com as questões sociais, como desejava Teófilo Dias, do que com a descrição desassombrada e desafiadora do feio e do ignóbil. (MARTINS, 1979, p. 34)

O nome mais expressivo desse período, entre tantos outros, talvez seja o de Teófilo Dias, que traduziu dez poemas do livro francês além de desenvolver um estilo literário bastante próximo do de Baudelaire. É sobre ele que desenvolvemos nosso exemplo para esse primeiro período.

Teófilo Dias

O maranhense Teófilo Odorico Dias de Mesquita, (1854-1889), sobrinho do poeta Gonçalves Dias, publicou dois livros tomados de um pessimismo “inspirado em Baudelaire” (MOISÉS, ANO, p. 471): Lira dos Verdes Anos (1876) e Cantos Tropicais (1878), onde já apareceria a tradução de “L’Albatroz”. Vai ainda traduzir mais oito poemas (“Dom Juan nos infernos”, “O veneno”, “O espectro”, “A música”, “O sino”, “Manhã de inverno”, “A fonte de sangue”, “O cachimbo”) em seu Fanfarras (1882) e



ainda mais um, “Confidências”, que apareceria em um artigo de jornal de Félix Pacheco, em 1934, somando dez.

Antonio Candido elogia efusivamente algumas delas, especialmente “A fonte de sangue” e “Don Juan nos infernos”, dizendo que seriam extraordinárias reproduções dos poemas franceses (DIAS, 1960, p. 113).

A seqüência de seus livros demonstra uma evolução: de epígono romântico, adepto dos modismos líricos, passa a realista, tomado de um naturalismo sensual e social, para por fim, no seu melhor livro, mostrar todo seu talento. Fortemente marcado por *Les Fleurs du mal*, Fanfarras prolonga a lição (MOISÉS, 1984, p. 15) do mestre francês. O livro está dividido em duas partes e traz na primeira, “Flores Funestas” – a segunda é “Revolta” – as traduções de Baudelaire, junto com outros poemas, sendo, segundo Glória Carneiro do Amaral, “provavelmente, o maior conjunto de poemas produzidos sob a influência de Baudelaire na literatura brasileira do século XIX” (AMARAL, 1996, p. 121).

Entretanto, Teófilo Dias teve o hábito de transformar os poemas de Baudelaire em produto nacional e suavizar a força de alguns de seus poemas, torna palatável o que o francês expõe grotesco: não está preocupado com a verdade do poema, mas com o tamanho do monumento.


Busca o que lhe agrada e, ao mesmo tempo, o corrige, para que pareça mais consigo mesmo, bem ao modo francês das *Belles Infidèles*, tentando provocar no leitor brasileiro o mesmo impacto que o poema francês provocaria num leitor de língua francesa.

Tendo em vista essa diferença fundamental, observamos o poema de Teófilo Dias “Manhã de inverno”, que é a tradução (discutível) do poema francês “*Brumes et Pluies*”, publicado originalmente na primeira edição francesa.

Manhã de inverno

O inverno é para mim a mais doce estação.
Como sinto-me bem! - Amortalhando o lago,
A névoa, que me envolve a fronte e o coração,
Se fecha sobre mim como um túmulo vago.

Nos plainos, que percorre o bulcão frio e tórvo,
E aonde à longa noite os mochos enrouquecem,
Melhor que no tempo em que os bosques florescem,
Minha alma largamente abre as asas de corvo!



Nós podemos ver, em uma versão livre, como pode ser a primeira estrofe do poema Dias em francês e, em seguida, o poema de Baudelaire:

Matin d'hiver

L'hiver est pour moi la saison la plus douce.
Comment je me sens bien! - A recouvrir le lac,
Le brouillard qui m'entoure le front et le cœur,
Se ferme sur moi comme un tombeau vide.
(...)

CI Brumes et Pluies

O fins d'automne, hivers, printemps trempés de boue,
Endormeuses saisons! je vous aime et vous loue
D'envelopper ainsi mon cœur et mon cerveau
D'un linceul vapoureux et d'un vague tombeau.

Dans cette grande plaine où l'autan froid se joue,
Où par les longues nuits la girouette s'enroue,
Mon âme mieux qu'au temps du tiède renouveau
Ouvrira largement ses ailes de corbeau.

Rien n'est plus doux au cœur plein de choses funèbres,
Et sur qui dès longtemps descendent les frimas,
O blafardes saisons, reines de nos climats,


Que l'aspect permanent de vos pâles ténèbres,
- Si ce n'est, par un soir sans lune, deux à deux,
D'endormir la douleur sur un lit hasardeux.

Teófilo Dias mostra que seu inverno não é formado de bruma e chuva, e traduz apenas os dois quartetos, não levando em conta ou negligenciando totalmente os tercetos. Através dos mesmos aspectos semânticos representados na poesia francesa, como "a longa noite" e a "larga abertura das suas asas", compara seus sentimentos e se identifica com a natureza, mas isso lhe parece positivo.

Portanto, não há necessidade de uma contrapartida desse tratamento, eliminando a necessidade de se identificar com o resto do poema: os tercetos não parecem corresponder à realidade, a natureza e ao estado de espírito que o poeta bem sabe, trazendo assim Baudelaire para o Brasil e fazendo a "aclimação".

***Belle Époque* e Modernismo Brasileiro**

O segundo período, que se inicia junto com o século XX, ganha volume ao longo das décadas de 1920 e 1930, em que os livros de poesia estrangeira começam a ganhar autonomia: são publicadas as primeiras antologias de poesia e mesmo livros inteiros de autores estrangeiros.



Traduzir e publicar Baudelaire nesse momento parece provocativo e serve como exemplo de resistência a uma estética com poucos rigores formais e mais liberal, que era o Modernismo.

Já em 1917, Alvaro Borges dos Reis lança aquela que é, salvo engano, a primeira antologia exclusiva de poetas franceses publicada no Brasil, *Musa francesa*, trazendo três poemas de Baudelaire: “O albatroz”, “Uma carniça”, e “O tonel do odio”. Augusto dos Anjos teria sido o maior poeta dessa época, mas, apesar de sua manifestada influência baudelaيرية, não traduziu nenhum poema de *Les Fleurs du mal*.

É possível concordar com Antonio Soares Amora que, dentro da literatura brasileira, a segunda década do século XX foi “um período de ansiosa busca (...) de direções estéticas capazes de dar, à literatura e às demais manifestações do espírito brasileiro, um caráter moderno, completamente descompromissado com soluções anteriores, e ao mesmo tempo um caráter autenticamente nacional” (AMORA, 1973. p. 192).


Nesse período, a discussão em torno de tal obra se dá como uma reação, mesmo que tardia, ao movimento modernista de 1922, fundamentalmente paulista, que se desenvolveria ainda na linha já estipulada nos períodos anteriores: adaptação da cultura brasileira ao gosto erudito e predominantemente europeu, apegada a valores por vezes conservadores, baseados em uma estética reconhecidamente clássica.

Ainda há uma política oficial do que seria o perfil da cultura brasileira, e os cariocas, ainda na capital da República, não poderiam deixar de se manifestar, oferecendo um grande número de traduções do livro francês.

A modernização da indústria editorial brasileira certamente favoreceria a absorção de obras estrangeiras por meio de traduções. A crítica literária parecia se consolidar no panorama editorial enquanto segmento vendável e, além disso, começavam a surgir livros dedicados exclusivamente a traduções de poesia estrangeira, às vezes na forma de antologia ou de poesia escolhida.

O principal nome desse período, entre outros tantos, seria o de Felix Pacheco que, além de traduzir quarenta poemas do livro francês, fez publicar nada menos que cinco livros sobre Baudelaire e também incentivou e manteve um acalorado debate literário sobre a reconhecida importância desse poeta.

Félix Pacheco



José Félix Alves Pacheco (1879-1935), poeta e tradutor, mas também jornalista e político (visto que no governo do presidente Artur Bernardes chegou a ser ministro das Relações Exteriores e representou por muitos anos o Estado do Piauí, primeiro na Câmara e depois no Senado da República).

Com Saturnino de Meireles, Gonçalo Jácome, Maurício Jubim e Castro Meneses, muito trabalhou pelo movimento, colaborando ativamente na Revista Rosa-Cruz (1901-1904), de Saturnino de Meireles. Alfredo Bosi ainda arrola outros colaboradores dessa revista: C. D. Fernandes, Tavares Bastos, Pereira da Silva, Tibúrcio de Freitas, Rocha Pombo, e diz que “há em quase todos uma exasperação da maneira baudelaireana do Cruz e Sousa inicial, quer no modo de conceber as relações entre corpo e alma, quer na pôse estetizante, pseudomística.” (BOSI, 1972, p. 315)


Traduziu, comentou e estudou largamente a obra de Baudelaire, do ponto de vista biobibliográfico, crítico e literário. Essa atividade literária foi coroada com o discurso que o tradutor pronunciou em 24 de novembro de 1932, intitulado “Baudelaire e os milagres do poder da imaginação”, ao mesmo tempo em que se comemoravam dez anos da Semana de Arte Moderna e de Modernismo.

Esse discurso foi publicado no ano seguinte (1933), quando também foram publicados os volumes: *O mar através de Baudelaire e Valéry*; *Paul Valéry e o monumento a Baudelaire em Paris*; *Do sentido do azar e do conceito de fatalidade em Baudelaire*; e *Baudelaire e os gatos* – esse último já em 1934.

É certo que as importantes publicações periódicas de Felix Pacheco contribuíram muito para um interesse renovado pela obra de Baudelaire, além de antecipar uma crítica contemporânea mais relevante, ilustrada por Michel Deguy, Yves Bonnefoy e Walter Benjamin. Além de acompanhar a reabilitação da imagem do próprio Baudelaire na França, iniciada alguns anos antes pelo poeta Paul Valéry.

O poema escolhido com exemplo, “L’Homme et la Mer”, serve para refletir sobre como se manifestou um aspecto dessa recepção dirigida por Pacheco, visto que esse é um dos três poemas mais traduzidos do livro *Les Fleurs du mal* (os outros dois seriam “Parfum exotique” e “L’Albatroz”).

O mar se constitui como um forte tema dentro do livro de Baudelaire, aparecendo em diversos poemas, como chama a atenção o próprio Félix Pacheco em seu livro *O mar através de Baudelaire e Valéry*:



O mar, sempre o mar, carregando para longe os desesperos luminosos da grande musa parisiense, e oferecendo-lhe nos trópicos o bálsamo cálido e penetrante que o consolasse das perversões civilizadas da beira do Sena, dando-lhe em troca, o impulso sensual nativo embalador, disperso nos perfumes acres e no colorido forte da natureza equatorial luxuriante e bela (PACHECO, 1933, p. 34)

Mais uma vez Baudelaire é o poeta dos equilíbrios paradoxais: o “homem” e o “mar” são dispostos ao mesmo tempo como antagonistas e complementares, sendo que essa idéia de que o mar é um espelho que reflete o homem trata de um tema caro ao Romantismo em geral, como chama a atenção Claude Pichois:

Pour le thème, l’océan miroir de l’homme, l’édition Crépét-Blin propose des rapprochements avec Byron (Le Pèlerinage de Childe Harold, IV, CLXXIX-CLXXXIV), Heine (Le Retour, VIII), Balzac (L’Enfant maudit). Thème romantique, donc, qui met l’accent sur la correspondance. (PICHOS apud BAUDELAIRE, 1975, p. 867)

A vastidão do mar é a vastidão do próprio homem. Paul Valéry parece confirmar essas idéias quando reflete sobre o interesse expressivo do homem pelo mar e sua relação com ele, sendo que dessa relação nasceriam duas idéias bem simples:


L'une, de fuir: de fuir pour fuir, idée qu'engendre une étrange impulsion d'horizon, un élan virtuel vers le large, une sorte de passion ou d'instinct aveugle du départ. L'âcre odeur de la mer, le vent salé qui nous donne la sensation de respirer de l'étendue, la confusion colorée et mouvementée des ports communiquent une inquiétude merveilleuse. (...) L'autre idée est peut-être cause profonde de la première. On ne peut vouloir fuir que ce qui recommence. La redite infinie, la répétition toute brute et obstinée, le choc monotone et la reprise identique des ondes de la houle qui sonnent sans répit contre les bornes de la mer, inspirent à l'âme fatiguée de prévoir leur invincible rythme, la notion tout absurde de l'Éternel Retour. (VALÉRY apud PACHECO, 1933, p. 55)

É justamente essa busca e encontro de si mesmo que observamos ser cara também nesse momento aos tradutores brasileiros. No entanto, esse poema foi, inevitavelmente, modificado por Félix Pacheco e pelos outros poetas que o traduziram, sendo notórias as diferenças já na primeira estrofe.

O Homem e o Mar
ao Barão de Ramiz Galvão

Terás sempre, homem livre, afeição pelo mar!
Contempla-o! É o teu espelho. A alma se te propaga,
Dentro dele, a rolar, no infinito da vaga.
Nem menos atro é o abismo a envolver teu pensar.

Agrada-te imergir de pleno em tua imagem,
Com o braço e o olhar cingindo o oceano. O coração
Muita vez espairose a própria inquietação
Ao quaiar do queixume indomado e selvagem.



Sois na verdade um e outro a discrição e o horror.
Homem, ninguém te sonda o arcano que represas,
Ninguém te sabes, ó mar, o recesso às riquezas,
Tão zelosos guardais o segredo ao rumor!

Os séculos porém já lá vão incontáveis,
Que, sem remorso ou pena, os dois vos combateis,
Tamanho é o amor que à morte e à carnagem rendeis,
Lutadores sem termo, ó irmãos implacáveis!

XIV L'Homme et la Mer

Homme libre, toujours tu chériras la mer!
La mer est ton miroir; tu contemples ton âme
Dans le déroulement infini de sa lame,
Et ton esprit n'est pas un gouffre moins amer.

Tu te plais à plonger au sein de ton image;
Tu l'embrasses des yeux et des bras, et ton cœur
Se distrait quelquefois de sa propre rumeur
Au bruit de cette plainte indomptable et sauvage.

Vous êtes tous les deux ténébreux et discrets:
Homme, nul n'a sondé le fond de tes abîmes;
O mer, nul ne connaît tes richesses intimes,
Tant vous êtes jaloux de garder vos secrets!

Et cependant voilà des siècles innombrables
Que vous vous combattez sans pitié ni remords,
Tellement vous aimez le carnage et la mort,
O lutteurs éternels, ô frères implacables!

Considerações Finais

Nesse sentido, a leitura que se deseja, hoje em dia, é a da simultaneidade, que atinja uma “cadeia de recepções”, principalmente em questões de tradução, conceito estreitamente ligado à idéia de comunicação e interação.

A leitura do máximo possível de traduções de um texto só pode ser profícua e benéfica, completando-se mutuamente enquanto aproxima e afasta o leitor ora do texto original, ora da própria literatura, admitindo que esse processo não é nunca estático, é sempre uma dinâmica dialética entre levar o leitor local à cultura estrangeira e trazer o texto estrangeiro à cultura local, não se podendo optar por uma dessas travessias, a tradução é o simultâneo ir e vir.

A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio

significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética. (JAUSS, 1994, p. 23)

Concluindo, seria correto afirmar que o livro de Charles Baudelaire, *Les Fleurs du mal*, teve uma ampla e intensa recepção mesmo antes de sua publicação integral no Brasil, gerando diversas correntes de interpretação e reconhecimento e produzindo um repertório crítico e literário de extrema importância para a História da Literatura Brasileira.

Referências bibliográficas

- AMARAL, Glória Carneiro do. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo: Annablume, 1996. (Parcours)
- AMORA, Antonio Soares. *História da Literatura Brasileira*. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 1973.
- ASSIS, Machado de. "A Nova Geração". In. *Crítica Literária*. Rio de Janeiro. Clássicos Jackson, 1946.
- BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Trad., introd. e notas de Jamil Mansur Haddad. São Paulo: Difel, 1958.
- BAUDELAIRE, Charles. *Les Fleurs du Mal*. Edition Critique établie par Jacques Crépet et Georges Blin. Paris: José Corti, 1942.
- BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres Complètes*. Texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois. Paris: Gallimard, 1975.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2a. edição. São Paulo: Cultrix, 1972.
- CANDIDO, Antonio. "Os primeiros baudelairianos". in: *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987.
- DIAS, Teófilo. *Cantos Tropicais*. São Paulo: Dolivaes Nunes, 1876.
- DIAS, Teófilo. *Lira dos Verdes Anos*. São Paulo: Dolivaes Nunes, 1878.
- DIAS, Teófilo. *Fanfarras*. São Paulo: Dolivaes Nunes, 1882.
- DIAS, Teófilo. *A comédia dos deuses*. São Paulo: Dolivaes Nunes, 1888.
- DIAS, Teófilo. *Poesias Escolhidas*. Sel., intr. e notas por Antonio Candido. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura - Comissão de Literatura, 1960.
- FERREIRA, Carlos. *Alciones*. Poesias. Editor J. T. P. Soares, 1872.
- JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- PACHECO, Felix. *Baudelaire e os milagres do poder da imaginação*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1933.
- PACHECO, Felix. *O mar através de Baudelaire e Valéry*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1933.
- PACHECO, Felix. *Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Charles Baudelaire*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1933.
- PACHECO, Felix. *Paul Valéry e o monumento a Baudelaire em Paris*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1933.
- PACHECO, Felix. *Baudelaire e os gatos*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1933.
- PACHECO, Felix. *Jornal do comércio*, de 06.11.1932 a 20.11.1933.